

Planície Inegível: Educação Ambiental e Cidadania

**BELLINI, Luzia Marta; MEDEIROS, Mara Glacénir Lemes de;
SILVA, Eduardo Alexandre Ribeiro da.**
Universidade Estadual de Maringá, DBI/Nupelia. Av. Colombo, 3690-Maringá -
PR,87020-900 Brasil
bellini@wnet.com.br;glacénir@uol.com.br;elohim_illuminati@yahoo.com.br

RESUMO

A percepção ambiental foi utilizada como metodologia de pesquisa para compreensão das relações entre homem X ambiente X cidadania presente em dois grupos da população local de Porto Rico, Paraná, Brasil.

Palavras-chaves: Percepção ambiental, educação ambiental, população local.

INTRODUÇÃO

A chamada relação homem X natureza permeia os estudos de ecologia e educação ambiental. No entanto, os homens vivem em cidades e os ecossistemas urbanos são tomados como “algo” a parte da ecologia. As políticas públicas e campanhas de preservação ou conservação ambiental são voltadas para os ecossistemas “naturais”.

No caso da cidade de Porto Rico, localizada na região noroeste do Estado do Paraná, situada na área da planície de inundação do alto rio Paraná, o ecossistema urbano apresenta, em escala menor, todas as mazelas das cidades interioranas: ruas apáticas, descuido com a paisagem e a estética ambiental urbana, populações pobres ocupam vilarejos suburbanos, serviços precários de saneamento básico, e na zona rural, locais devastados pela erosão natural e infringida pelo homem.

Esse cenário desolador, estranhamente coexiste com seu oposto, conjugando um contraste de direitos humanos adquiridos, não de forma compulsória, pelo simples fato de ser homem; mas através de privilégios sócio-econômicos, de direitos humanos venais. Esse estranho contraste consegue unir, aparentemente se nenhuma tensão, imponentes residências de veraneio, jardins e toda infra-estrutura que favorece uma população sazonal de turistas, que falta aos moradores efetivos da cidade. Isso também se aplica às ilhas que pertencem a Área de Preservação Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E METODOLOGIA DE PESQUISA

A maioria das pesquisas em percepção do ambiente, parte, segundo Ferrara (1999) de modelos teóricos pré-fixados. Para a realização deste trabalho, que trata da relação entre educação ambiental e cidadania, dois objetivos foram centrais. Um, excepcionalmente comum, é o de conviver com as pessoas da cidade de Porto Rico, o outro é reconhecer ou fazer conexões com os fatos da cidade e as experiências ambientais vivenciadas ou interpretadas pelos moradores.

Como estratégia metodológica Silva (2002) entrevistou 10 (dez) ex-moradores da Ilha Mutum, que atualmente residem na cidade de Porto Rico, e solicitou que fizessem fotografias dos ambientes que costumam freqüentar. Com isso, foi possível entender melhor quais as formas de relações atualmente são possíveis ou não à esses cidadãos com um passado de população tradicional, que fazia da Ilha Mutum sua residência há 18 anos atrás.

Medeiros (tese em andamento desde 2001) complementou essa estratégia, convivendo com as professoras e os alunos da Escola Municipal de Porto Rico por meio de atividades científicas de caráter educativo, no período de novembro/2001 a setembro/2002). As atividades tiveram como núcleo comum a contextualização da região da planície, da cidade e da escola por meio de registros fotográficos em visitas realizadas nos diferentes locais da cidade e em seus entornos.

SUJEITOS PESQUISADOS

Os antigos moradores da Ilha Mutum, que hoje habitam o núcleo urbano, a periferia e uma Vila Rural, revelam uma relação bastante intimista com o meio onde vivem, principalmente nos domínios do lar. Para estes, a energia elétrica, a água encanada, o posto médico, o supermercado, a televisão que não tinham na época de residência na ilha, são conquistas preciosas das quais não pretendem se desfazer. Por mais precário que seja, para eles, é uma conquista, e, indica a realização máxima de uma vida inteira de trabalho e sacrifícios. As fotografias mais comuns são, em escala de frequência: a casa, aparelhos eletrodomésticos, o quintal, a pequena horta, a praça, a rua e o rio. O ambiente natural, mesmo sendo tão próximo e tão arraigado em suas origens, parece ter-se descolado de sua formação cultural, ganhando feições de uma cultura urbana mais abrangente que interpreta o ambiente com o senso estritamente utilitarista. Diferentemente do período de residência na ilha, na cidade, os ex-ilhéus, mesmo vizinhos, romperam com a tradição anterior de laços sociais comunitários mais solidários.

As crianças pesquisadas (aproximadamente 250 alunos) da Escola Municipal de Porto Rico (do Pré-Escolar a 4ª série do Ensino Fundamental) apresentam um olhar diferenciado para as barrancas do rio Paraná, para as “prainhas”, pelos pássaros, sobretudo para os tucanos, para a pesca com os pais. Indicam os cortes brutais e desnecessários em todas as árvores da cidade feito pelo poder público municipal (a prefeitura justificou os cortes para dar espaço aos caminhões que trafegam as ruas da cidade). Um espaço preferido dessas crianças é uma obra inacabada e abandonada à margem esquerda do rio Paraná, o Parque Aquático Porto do Sol, que funcionou durante 2 meses com o preço de R\$ 10,00 por pessoa no alto verão.

Em uma cidade que pretende preservar a natureza para atrair turistas, verifica-se, paradoxalmente, o avanço das obras, isto é, o avanço do concreto bruto sobre a natureza que deveria ser preservada, até mesmo árvores nativas são derrubadas para que não “sujem” o local ou são substituídas por outras que “sujam menos”, como aconteceu em um parque aquático da cidade. A relação homem X ambiente X política urbana, conforme Ferrara (1999) indica a formação de uma ideologia ambiental na cidade, criada, principalmente através de figuras públicas em explícito apoio à iniciativa privada de cidades como Maringá, Paranaíba entre outras. Se assim continuar, logo teremos uma cidade concretada, de parques, praças, ilhas e entornos de concreto. De tanto trazer urbanidade ao meio natural, este, não terá espaço sequer para existir.

ALGUNS RESULTADOS:

Nossos registros fotográficos mostram que a cidade de Porto Rico é um ecossistema urbano degradado, quase desértico, ainda que se localize próximo do rio Paraná, socialmente dividido entre os que têm domínio do território e da planície e os que foram jogados na mesmice das habitações pobres: ruas com erosão, casas pequenas, mal ventiladas em locais de barrancos irregulares.

A pesquisa de Silva (2002), a necessidade real de habitar, de ter um abrigo protetor contra as agressões de animais ou naturais ocupam a percepção dos ex-ilhéus, com exceção de um morador que se ocupa do conhecimento e o amor pela flora local. Apesar de, na cidade, habitarem casas pequenas e precárias, essas pessoas percebem-se fisicamente protegidas e valorizam o espaço individual, ao contrário de suas fotografias que valorizam a dimensão coletiva, parecendo fazer menção saudosa ao tempo em que moravam na ilha. Não falam da

pobreza ambiental, do espaço público no urbano, o ambiente natural não é percebido como o coletivo, não há práticas associativas e os sujeitos resistem como cidadãos. No caso dos ex-ilhéus, os temas energia elétrica e água encanada focalizam que as necessidades primárias desses moradores. Ainda, não se pode dizer que eles se atentam para a proteção do lar sem esquecer os elementos culturais, igreja e lazer.

Na pesquisa de Medeiros (em desenvolvimento), a percepção das crianças apresentam duas dimensões distintas: uma interna à escola — um coletivo sem vínculo com o natural, sem árvores, sem espaço para a presença, inclusive, de práticas coletivas como jogos, recreação etc. Há uma horta, várias plantas frutíferas que passaram a ser mais valorizadas durante os meses de convívio. Valorizam o “pé de pau-brasil” plantados por eles, os frutos da acerola, da jaca e o vínculo com esse ambiente se estreitou tendo, hoje, turmas preocupadas com a sobrevivência das plantas em geral.

A segunda dimensão se faz sentir fora da escola. As crianças reconhecem e valorizam o ambiente. Conhecem as características naturais do ambiente urbano; as árvores que foram cortadas pela prefeitura foram objeto de indignação das crianças, professores e demais moradores.

Professoras e alunos constataram que a cidade necessita de mais árvores dado o calor intenso da região. Entre estes dois grupos, o espaço público onde estão as árvores é percebido como o coletivo, mas apesar das reclamações, os corte não foram suspensos, o que diminui seu posicionamento enquanto cidadão. Percebe-se que esse mesmo poder público tem respondido aos interesses turísticos ligados ao ecossistema do rio Paraná e suas ilhas.

Quanto às crianças e professoras há uma nítida percepção ambiental. Estes dois grupos já indicam que não conseguem educar para o ambiente se o exercício da cidadania não é realizado. Entretanto, são passivos em relação à defesa do ambiente, pois sentem-se impotentes diante do poder público e econômico da cidade que ignora seus moradores para dar lugar ao “ecoturismo”.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CIDADANIA

Não podemos concluir que não há valorização do ambiente natural pelos sujeitos pesquisados, pois se percebe que há outros elementos prioritários ligados à própria sobrevivência material. Nossos resultados apontam, primeiramente, a necessidade de uma educação para a cidadania, para que possa haver um trabalho posterior de educação ambiental. Educação ambiental não substitui a formação política, nem científica dos moradores, das crianças e jovens.

Desse modo, como afirma Ferrara (1999), poderemos atuar no nível de se fazer entender que:

- as cidades são como ecossistemas urbanos que se transformam sem cessar;
- sistemas ecológicos são nutridos por variáveis não só físicas como sobretudo políticas, econômicas, sociais e culturais;
- a educação ambiental adestradora ensina regras e impõe ordens cívicas e morais conformistas;
- trabalhar com ecologia e educação ambiental é traçar gestões públicas para permitir a comunicação entre a população e seus dirigentes e preparar com capacidade para criar e solucionar ações ambientais indispensáveis ao exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: Rio, Vicente del & Oliveira, Livia (Org.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

SILVA, Eduardo A. R. da. *Ilhados em Porto Rico: a trajetória dos ex-ilhéus da Ilha Mutum*. Dissertação de Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais. Maringá – UEM/Nupelia, 2002. (no prelo).